



FIG. 6.

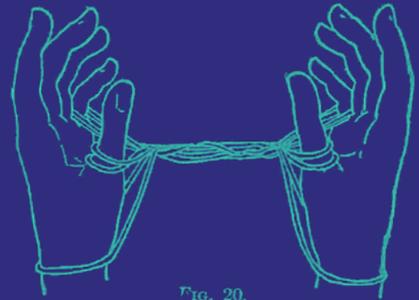


FIG. 20.

fabular

como prática de atenção,
responsabilidade
e correspondência

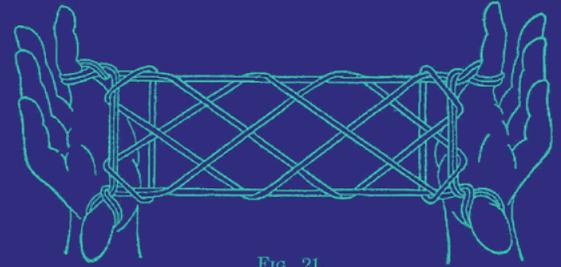


FIG. 21.

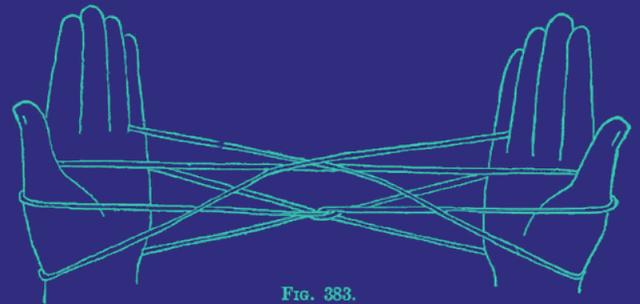


FIG. 383.

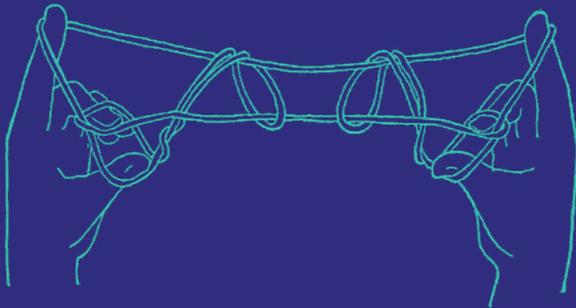


FIG. 130.

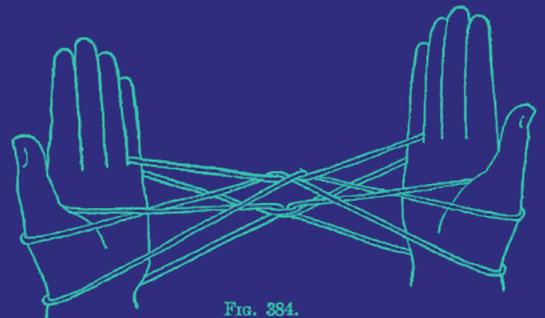


FIG. 384.

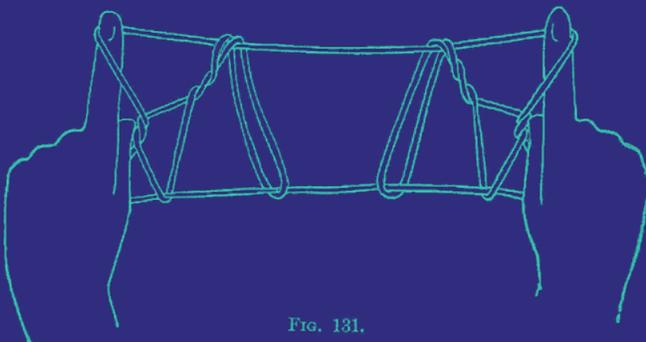


FIG. 131.

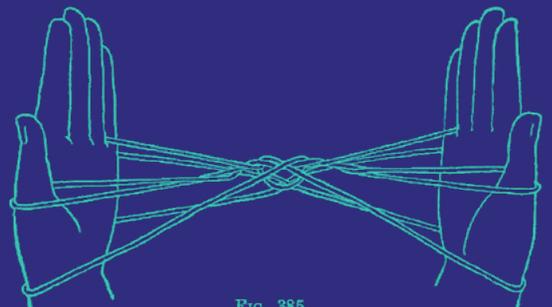


FIG. 385.

Fabular, como aponta Martha Kenney, tem a ver com contar “estórias que nos ensinam a prestar atenção e a reagir ao nosso mundo de novas maneiras. (...) O gênero fábula, então, ensina suas leitoras a serem responsáveis. (...) A fábula é, acima de tudo, a interpretação e a prática da responsabilidade”¹. Neste ciclo de leituras, colocaremos em relação as noções de atenção, responsabilidade e correspondência com as práticas fabulatórias. Para isso, pensaremos com os trabalhos de Karen Barad, Caroline Gatt, Donna Haraway, Tim Ingold e Martha Kenney. Em suas propostas, atenção, responsabilidade e correspondência são tomadas como práticas de pesquisa e ação, fabulação e mundificação. Emaranhadas, elas apontam para caminhos por onde pesquisas científicas e processos criativos podem se aliar a fim de responder ao que nos demandam esses tempos confusos, turvos e desconcertantes², tão violentamente marcados pela proliferação de catástrofes ancestrais³. Nesse tempo das catástrofes⁴, cultivar as artes da fabulação como prática de atenção, responsabilidade e correspondência parece ser um modo possível e profícuo de reexistência e mundificação ativista na confluência entre as artes e as ciências. Assim, fabular como prática de atenção, responsabilidade e correspondência nos leva em direção a um “comprometimento com o restabelecimento parcial, a reabilitação modesta e o ressurgimento ainda possível nestes tempos difíceis do Antropoceno e do Capitaloceno imperiais”⁵.

1 Kenney, 2019.

2 “Nós – todos os seres da Terra – vivemos em tempos perturbadores; tempos confusos, turvos e desconcertantes. Nossa tarefa consiste em nos tornarmos capazes de dar resposta, conjuntamente e em toda nossa abundância espevitada de tipos. Nossos tempos confusos transbordam de dor e alegria – com padrões vastamente injustos de dor e alegria, com matanças desnecessárias da continuidade, mas também com a necessária ressurgência. A tarefa é formar parentescos em linhas de conexão inventivas como uma prática para aprender a viver e morrer bem de maneira recíproca num presente espesso. Nossa tarefa é criar problemas, suscitar respostas potentes a eventos devastadores, e também acalmar águas turbulentas e reconstruir lugares tranquilos. Em tempos de urgências, é tentador abordar os problemas como quem procura assegurar um futuro imaginado, impedindo que algo que paira no futuro aconteça, colocando o presente e o passado em ordem a fim de criar futuros para as gerações vindouras. Ficar com o problema não requer este tipo de relação com esses tempos chamados de futuro. Na realidade, ficar com o problema requer aprender a estar verdadeiramente presentes; não como um eixo que se desvanece entre passados terríveis ou edênicos e entre futuros apocalípticos ou salvadores – mas como bichos mortais entrelaçados numa miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, matérias, significados” (Haraway, 2023: 13).

3 “Catástrofes ancestrais são passadas e presentes; elas continuam surgindo do colonialismo e do racismo, em vez do horizonte emergente do progresso liberal. Catástrofes ancestrais situam danos ambientais na esfera colonial no lugar da biosfera, na terra não-conquistada no lugar da terra inteira” (Povinelli, 2021, p. 3).

4 “As responsabilidades quanto aos danos e ameaças que se acumulam são bastante evidentes. Elas não remetem em primeiro lugar àqueles que chamei de “nossos responsáveis”, mas ao que definiu a Terra como recurso explorável de forma ilimitada. Entretanto, não estamos diante de um tribunal de justiça, onde aquele que está convencido de sua responsabilidade é também aquele que deve “responder” pelo que fez, aquele de quem se exigirá reparação. (...) Não podemos, de modo algum, deixar aos responsáveis pelos desastres que se anunciam o encargo de responder a eles. Cabe a nós criar uma maneira de responder, por nós, mas também pelas inúmeras espécies vivas que levamos conosco para a catástrofe” (Stengers, 2015).

5 Haraway, 2023: 129.

sessão 1

Haraway, Donna. “Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: Donna Haraway in Conversation with Martha Kenney.” In: **Art in the Anthropocene: Encounters among Aesthetics, Politics, Environments, and Epistemologies**, edited by Davis, Heather and Turpin, Etienne, 255–70. London: Open Humanities, 2015.

Kenney Martha. **Fables of attention: Wonder in feminist theory and scientific practice** (Unpublished doctoral dissertation). UC Santa Cruz, Santa Cruz, CA, USA, 2013. **Ler:** parte 3: “Response-ability”, **p. 188-212**.

sessão 2

Haraway, Donna. **Quando As Espécies Se Encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. **Ler:** Cap. 8: “Treinar na zona de contato: poder, jogo e invenção no esporte de agility”, **p. 269-326**.

Haraway, Donna. **Ficar com o problema. Fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023. **Ler:** “Inundadas de urina. DES e Premarin e responsabilidade multiespécie”, **p. 189-210**.

sessão 3

Barad, Karen. “On touching – the inhuman that therefore I am”. In: **differences**, 23 (3), 2012, **206-223**.

sessão 4

Gatt, Caroline; Ingold, Tim. “From description to correspondence: Anthropology in real time”. In: Gunn, W., Otto, T., Smith, R. C. (Eds). **Design Anthropology: theory and practice**. London and New York: Bloomsbury, 2013, **p. 139-158**.

Ingold, Tim. “On human correspondence”. In: **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 23 (1), March 2017, **p. 09-27**.

Ingold, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020. **Ler:** cap. 2: “Pela atenção”, **p. 38-58**.